

APRESENTAÇÃO

Eric Gustavo Cardin¹

Marcelo Alario Ennes²

Os estudos sobre as fronteiras têm aumentado significativamente ao longo da última década, período onde foram publicados vários dossiês em revistas acadêmicas, além de um conjunto de livros sobre o assunto³. Não suficiente, a presença cada vez mais constante do tema nos principais eventos brasileiros de Ciências Sociais demonstra esta tendência. Em parte a ampliação do interesse por esse tema está vinculada a uma questão de ordem mais estrutural da sociedade contemporânea, portanto mais geral e a dois outros, nesses casos, mais específicos à realidade brasileira, isto é, as políticas executadas pelo governo federal nos últimos anos. No primeiro caso, pode-se dizer que as forças desestabilizadoras do Estado Nacional e as que têm produzido o descentramento das identidades (BAUMAN, 1999) têm agido no sentido de deslocar as atenções tanto do ponto de vista político quanto acadêmico para as “Fronteiras”. Assim, é possível observarmos a simultaneidade de dinâmicas transfronteiriças tanto entre Estados Nacionais, quanto no que diz respeito ao interesse na fronteira como objeto de estudo. Acrescenta-se a esses, dois fatos relacionados à realidade brasileira. A primeira deve-se a expansão da rede de ensino superior pública para o interior do Brasil, possibilitando o surgimento de novos estabelecimentos de ensino nas regiões fronteiriças, enquanto a segunda esteve relacionada às pesquisas sobre tráfico de pessoas e sobre segurança pública, ambas financiadas pelo Ministério da Justiça.

O dossiê ratifica a importância do tema das “Fronteiras” como um campo que se constitui de modo autônomo por meio de suas conexões com temas conexos e interdependentes. Os estudos sobre “Fronteiras” podem ser compreendidos como expressão de novos lugares que transcendem dicotomias tais como centro e periferia, rural e urbano, nacional e estrangeiro, global e local, entre outros. Nesse sentido, impõe-se como um território e recorte empírico portador de especificidades. Isto é, ao lado de seu diálogo com questões relacionadas às identidades, segurança, mobilidade e migrações, os estudos sobre “Fronteiras” não se confundem como periferia nem como expressão territorial e nem como campo de estudo. Refletir sobre zonas fronteiriças, nesse sentido, consiste em pensar

1 Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Pós-doutor em Antropologia Social pela Universidad Nacional de Misiones (UNAM/Argentina). Professor dos Programas de Pós-graduação em Ciências Sociais e em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

2 Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Pós-doutor pelo Centro de Estudos sobre Migrações e Relações Interculturais da Universidade Aberta (Portugal). Professor do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

3 Um exemplo significativo é RAFAEL BARBOSA, Antonio; RENOLDI, Brígida y Marcos VERÍSSIMO (Comps.) (I)Legal: Etnografias em uma fronteira difusa, Editora da UFF, Niterói

as tensões, ambiguidades e contradições produzidas pelos fluxos de mercadorias, dinheiro e, principalmente, pessoas o que vem gerando novas configurações no campo das políticas de integração e cooperação, segurança, desenvolvimento local, interculturalidade e cidadania.

O primeiro artigo deste dossiê, “Provocações do contexto, interiorização universitária e agendamento institucional: tendências dos Estudos Fronteiriços no Brasil”, escrito por Adriana Dorfman (UFRGS) e Arthur Borba Colen França (UFRGS), apresenta um mapeamento do perfil, dos conceitos mais utilizados e da distribuição territorial dos pesquisadores que atualmente estão debruçados sobre a temática, permitindo a observação do processo de interiorização dos debates e a importância do financiamento das pesquisas. Contudo, é importante afirmar que o fato dos estudos das regiões de fronteira estarem ganhando um maior destaque quantitativo apenas mais recentemente, não quer dizer que a discussão que está sendo realizada não possua uma trajetória anterior ou que não possua diálogos teóricos e metodológicos desenvolvidos e capazes de iluminar diferentes realidades.

Não é o nosso objetivo fazer um balanço desta produção, já que existem bons textos que fazem este exercício considerando a bibliografia internacional e nacional. Além do reconhecido “Los secretos de la frontera: una introducción”, de David E. Johnson e Scott Michaelsen (2003), onde se destaca a importância da produção norte-americana sobre o assunto, há as contribuições de Pablo Vila (2000) e Alejandro Grimson (2000), que problematizam o etnocentrismo presente nos estudos realizados na fronteira México/ Estados Unidos e demonstram o lugar das fronteiras em alguns estudos clássicos das Ciências Sociais, respectivamente. No Brasil, destaca-se a importante apresentação realizada por José Lindomar Albuquerque e José Miguel Nieto Olivar (2015) para o dossiê “Fronteiras: territórios, políticas, diferenças e desigualdades” da Revista *Ambivalências*.

Observando estas contribuições e as demais publicações sobre o assunto, incluindo os próprios artigos que compõem este dossiê, constata-se a existência de um movimento pendular das produções, onde de um lado encontram-se abordagens que entendem prioritariamente as fronteiras (*frontiers*) como lugares de encontro, arranjos, acordos e conflitos entre diferentes grupos, comunidades, etnias, nações e até mesmo civilizações, enquanto que, por outro lado, estão as leituras das fronteiras (*borders*) que as consideram quase como um sinônimo de limites, apresentando perspectivas mais institucionais e preocupadas com as relações nas margens internacionais dos territórios nacionais. Assim, em síntese, observa-se a existência de dois polos compostos ora por um posicionamento mais socioantropológico, ora mais geopolítico.

Embora esta dicotomia possa ser observada com maior facilidade em alguns pioneiros dos debates sobre as regiões de fronteira, como são os casos dos estudos realizados por Turner (1977) e por Ratzel (1987), tal polarização vem perdendo força nas análises

contemporâneas. Atualmente visualizam-se o fortalecimento de perspectivas interdisciplinares e transfronteiriças, que, em grande medida, buscam avançar as análises e até mesmo superar as abordagens que possuíam caráter mais historicista e geopolítico, principalmente por meio da adoção de uma compreensão do conceito de fronteira que não se limita a sua dimensão militar, burocrática ou estadista. Neste sentido, destacam-se a predominância das reflexões teóricas e metodológicas originadas durante o contato direto dos pesquisadores com o campo de estudo.

Assim, constata-se o diálogo, as conexões e as contradições entre possibilidades de interpretação que partem das relações entre modelos de análises diferentes, focadas nas dimensões simbólicas, normativas, materialistas e agenciais. Modelos que buscam apreender linhas que necessariamente não precisam possuir pontos de origem comuns e, muito menos, um único lugar de chegada, mas que ao longo dos seus respectivos deslocamentos no espaço e no tempo vão tecendo uma malha que corresponde a uma realidade social própria. Os estudos sobre as regiões de fronteira demonstram a impossibilidade do entendimento dos seus problemas adjacentes e os limites da produção teórica metodológica quando estas duas ações são realizadas descoladas ou desarticuladas do trabalho empírico.

Desta forma, os estudos contemporâneos das regiões de fronteira problematizam as leituras centradas no Estado ou que são difundidas por ele e, da mesma forma, questionam a potencialidade das abordagens acadêmicas já consolidadas quando aplicadas sem a devida mediação e reflexão para o entendimento dos problemas e das diferentes dimensões sociais que compõem os lugares investigados. Contudo, tal perspectiva não corresponde a uma simples recusa dos conceitos, das teorias e das metodologias hegemônicas nas Ciências Sociais, mas um diálogo constante e produtivo com as mesmas. Não corresponde simplesmente a uma defesa radical do conhecimento produzido sobre as margens pela própria margem, mas um esforço em colocar a margem em um lugar público e crítico, para que assim possamos contribuir efetivamente no avanço acadêmico e social.

O saber local e os ilegalismos (FOUCAULT, 2005 e 2014), a importâncias das margens para o entendimento dos grandes centros (DAS e POOLE, 2004), o entendimento do deslocamento no viver, no conhecer e no descrever (INGOLD, 2015) e a observação dos processos de associação e constituição de redes (LATOUR, 2007) expressam algumas perspectivas teóricas metodológicas que, em diferentes níveis, são apropriadas, problematizadas, contextualizadas e utilizadas em inúmeros estudos contemporâneos das regiões de fronteiras. No entanto, elas não correspondem a modelos ou a paradigmas, mas referências para o diálogo e para as reflexões epistemológicas, contribuindo, desta forma, na construção de novos saberes. Os textos que compõem o presente dossiê, em alguma medida, transitam por tais debates.

O primeiro deles, como já indicamos, corresponde a contribuição de Adriana Dorfman (UFRGS) e Arthur Borba Colen França (UFRGS). Por meio da análise das informações coletadas durante a construção da base de dados do Portal Acesso Aberto das Universidades Brasileiras sobre Limites e Fronteiras (UNBRAL), os autores apresentam um mapeamento dos assuntos e dos próprios pesquisadores que estudam as fronteiras brasileiras e constataam a presença de uma heterogeneidade teórica metodológica, além de uma forte organicidade dos autores, expressa, principalmente pela produção de pesquisas situadas. Neste contexto, podemos considerar que o artigo corresponde a uma contextualização da temática, abrindo e situando as demais contribuições dentro daquilo que vem sendo produzido no país.

Originalmente, o dossiê não foi organizado ou pensado em blocos temáticos, mas devido a importância quantitativa e qualitativa dos estudos sobre violência e ilegalismos, há uma maior ocorrência de textos que se debruçam sobre tais debates. Em grande medida, os autores utilizam e problematizam os dados coletados durante as pesquisas realizadas para o Ministério da Justiça do Brasil e nos permitem aproximar e compreender aspectos vinculados a tais questões nos arcos sul, centro-oeste e norte do país. O segundo artigo do dossiê, escrito por André Luiz Faisting (UFGD) e Wender Milani Viegas Carbonari (UFGD) apresenta resultados parciais de uma pesquisa que visa refletir as diferentes representações da violência, da segurança e das fronteiras na região da Grande Dourados, Mato Grosso do Sul. Por meio da análise das representações contidas em entrevistas realizadas com diferentes agentes que atuam na região, os autores destacam os vínculos entre os problemas característicos das fronteiras às políticas públicas desenvolvidas e constataam a presença de especificidades derivada da relação diferença/identidade.

O terceiro artigo, intitulado “As mortes violentas e as políticas de controle na tríplice fronteira”, escrito por Sandra Cristiana Kleinschmitt (UFRGS/UNIOESTE), discute a variação das taxas de mortes violentas e as políticas de controle na região de confluência das fronteiras do Brasil, Argentina e Paraguai. Para tanto, observa o impacto das políticas de controle executadas do lado brasileiro da fronteira. A primeira delas foi o projeto “Beira Rio” que promoveu a remoção das favelas que estavam nas barrancas do Rio Paraná, que teve como uma de suas consequências o aumento das taxas de letalidades em Foz do Iguaçu, especificamente entre os anos 1998 a 2006. A segunda política foi a intensificação das forças de segurança para coibir o “circuito sacoleiro”. O resultado imediato dessa política foi o desencadeamento de uma série de mudanças nas práticas ilícitas que se difundiram para toda a região. Como consequência, as taxas de letalidades de Foz do Iguaçu caíram, mas difundiram-se para os municípios vizinhos. Por fim, a terceira política de controle corresponde ao projeto “Beira Foz”, que ganhou apoio da Itaipu Binacional e dos governos estadual e federal.

O quarto artigo, escrito por Luiz Fábio Silva Paiva (UFC), analisa a questão da

violência no arco norte, mais especificamente na região de confluência das fronteiras do Brasil, Peru e Colômbia. A pesquisa envolveu o acompanhamento e a reflexão sobre as ações do Exército e da Polícia Federal Brasileira na região do Alto Solimões. O trabalho deriva de uma investigação que durou três anos, com acompanhamento sistemático de operações para controle das fronteiras e interlocução com os responsáveis pelo trabalho policial na região. Ao considerar o monopólio da violência uma ação política de Estado, o estudo buscou as práticas estruturantes e as dificuldades enfrentadas por forças policiais para a realização dessa finalidade. Assim, o autor propõe que o monopólio da violência é um projeto político tensionado pelas dinâmicas transfronteiriças. Neste contexto, violências, ilegalismos e crimes, representam um desafio contínuo para forças que devem agir em nome de uma razão de Estado, cuja finalidade é o controle do território nacional.

Ainda abordando questões relacionadas à violência e aos ilegalismos, o quinto artigo do dossiê é resultado do trabalho coletivo originado no Laboratório de Estudos e Pesquisas Internacionais e Fronteiras, onde Letícia Núñez Almeida (UNIPAMPA/LEPIF), Carine Sugano (LEPIF), Jennifer Pereira da Silva (LEPIF) e Nathan Bueno Macêdo (LEPIF) apresentam a parte exploratória do projeto de pesquisa “Fronteiras e Políticas de Drogas”, que visa investigar as políticas públicas dos países da América do Sul de forma geral, e as relacionadas às drogas de forma específica. No texto que compõem este dossiê, os autores realizam uma abordagem comparativa e analítica das políticas de drogas implementadas no Brasil e no Uruguai, buscando conhecer as legislações e redes de atuação do Estado por meio de um olhar transdisciplinar. Para tanto, exploram primeiramente as políticas estatais expostas nos conceitos de segurança nacional e segurança humana, para em um segundo momento compreender as dinâmicas fronteiriças.

Na sequência, o Dossiê apresenta um conjunto de artigos com temas mais variados, que perpassam por discussões referentes às migrações, às identidades e a integração nas regiões de fronteira. Nesta perspectiva, o texto escrito por Camilo Pereira Carneiro (UFRGS) e Patricia Giraldo Calderon (UFRGS), problematiza os fluxos migratórios e os processos de integração na fronteira do Brasil com a Colômbia. Por meio de uma perspectiva história e interdisciplinar, os autores observam que as dinâmicas dos dois fenômenos analisados sofreram uma convergência na década de 2000, mas que as interações entre os países ainda são limitadas devido ao pouco conhecimento das respectivas sociedades, às tensões geradas por países externos e o pertencimento dos países a dois blocos econômicos que possuem pouca interlocução, o MERCOSUL e a CAN.

O sétimo artigo é de autoria de Roberto Rodolfo Georg Uebel (UFRGS). O texto apresenta uma análise da forma em que a mídia impressa brasileira aborda a migração de haitianos para o Brasil e, mais especificamente para o Estado Rio Grande do Sul, observando

os sentidos dados ao indivíduo imigrante e às fronteiras na construção dos processos migratórios. Para tanto, o autor analisou notícias publicadas em veículos de comunicação de diferentes matrizes ideológicas entre os anos de 2010 e 2015.. Em linhas gerais, o estudo constatou a existência de duas formas de abordagem: uma tradicional e outra próxima a uma perspectiva descolonial, muitas vezes composta de aportes sensacionalistas e assistencialistas/solidaristas. Neste contexto, Uebel conclui que tais perspectivas possibilitaram a visualização da interferência do Estado nas diferentes percepções e agências dadas ao imigrante haitiano e às fronteiras, num escopo midiático de múltiplas semelhanças e, simultaneamente, de um grande pluralismo ideológico.

O oitavo texto, escrito por José Lindomar Albuquerque (UNIFESP), explora as identidades e alteridades relacionais de portugueses e espanhóis na fronteira luso-espanhola com base em pesquisas empíricas realizadas por investigadores ibéricos. Distanciando-se geograficamente do universo que marcou sua produção até o presente momento, mas não dos temas de seu interesse, o intuito da contribuição apresentada pelo autor é apreender, organizar e sistematizar as noções de identidade, levando em consideração as relações contrastivas entre iberismo, nacionalismos e as identificações nacionais. Ainda no mesmo artigo, o autor problematiza o impacto da situação nacional dos investigadores de fronteira, ou seja, a organicidades dos pesquisadores, na situação de produção de pesquisas situadas ou em seus trabalhos de campo.

Por fim, encontra-se a não menos importante contribuição de Gustavo Villela Lima da Costa (UERJ). Explorando as potencialidades existentes na “literatura de fronteira” (DORFMAN,2014), mais especificamente no conto “Los Desterrados”, escrito pelo uruguaio Horacio Quiroga e publicado pela primeira vez no ano de 1926, o autor problematiza, primeiramente, o lugar do conceito de fronteira na obra de Quiroga e, posteriormente, a identidade fronteiriça dos personagens João Pedro e Tirafofo. Para concluir, dialogando com autores como Michel Foucault, Deena Vas e Deborah Poole, Gustavo Villela transita pelo pensamento pós-colonial e analisa a importância das margens e das fronteiras na construção dos Estados Nacionais dentro de uma perspectiva não hegemônica das relações de poder.

Observando as contribuições existentes neste dossiê, assim como outras produções contemporâneas sobre territórios de fronteiras, é possível a identificação de algumas tendências nos estudos. O esforço em apreender o campo de pesquisa, ou seja, de apreender as fronteiras, revela a dificuldade na construção e na defesa de uma definição simples e objetiva do conceito de fronteira. A consequência imediata disso é o constante exercício de construir olhares, desenhos e textos que consigam expressar a fluidez dos dinamismos próprios das realidades fronteiriças, principalmente por meio de abordagens interdisciplinares e pela triangulação de métodos de pesquisa. Evidentemente, que o desenvolvimento de

mecanismos de apreensão da realidade de interesse é acompanhada de esforços teóricos.

Neste sentido, destacam-se a presença cada vez mais constante de quatro elementos ou características. Primeiramente, a valorização de recortes reduzidos para facilitar a elaboração de tipologias e o estabelecimento de comparações com outras fronteiras. Segundo, o estabelecimento de análises dialéticas entre conjunturas micro e macrosociais, explorando as interações entre agências e estruturas. Terceiro, a ênfase cada vez maior no transfronteiriço, visualizada na presença de modelos teóricos e metodológicos que possibilitem a observação e análise dos diferentes lados que compõem uma mesma fronteira. Por fim, o fortalecimento de uma sociologia pública, onde se busca, por meio das pesquisas, a melhoria das condições de vida das populações estudadas.

Referências Bibliográficas.

ALBUQUERQUE, J. L.; OLIVAR, J. M. N. Dossiê Fronteiras: territórios, políticas e desigualdades. In: **Revista Ambivalências**, v. 3, n. 5, 2015. P. 03-27.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

DAS, V.; POOLE, D. (orgs.). **Anthropology in the Margins of the State**. Oxford: School of American Research Press, 2004.

DORFMAN, A. Textualizando condições fronteiriças: a contribuição da literatura ficcional para o estudo do contrabando. In: CARDIN, E. G.; COLOGNESE, S. A. **As Ciências Sociais nas fronteiras: teorias e metodologias de pesquisa**. Cascavel: JB, 2014.

FOUCAULT, M. **Vigilar y Castigar**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2014.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GRIMSON, A. Introducción. Fronteras, políticas versus fronteras culturales?. In: GRIMSON, A. (org.). **Fronteras, naciones e identidades: la periferia como centro**. Buenos Aires: Ediciones CICCUS, 2000.

INGOLD, T. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis Vozes, 2015.

LATOUR, B. **Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

MICHAELSEN, S.; JOHNSON, D. Los secretos de la frontera: una introducción. MICHAELSEN, S.; JOHNSON, D. (orgs.). **Teoría de la Frontera: los límites de la política cultural**. Espanha: Gedisa Editorial, 2003.

RATZEL, F. **La géographie politique**. Paris: Fayard, 1997.

TURNER, F. J. **The Frontier in American History**. Franklin Library: Estados Unidos, 1977.

VILA, P. La teoría de frontera versión norteamericana. Una crítica desde la etnografía. In: GRIMSON, A. (org.). **Fronteras, naciones e identidades: la periferia como centro**. Buenos Aires: Ediciones CICCUS, 2000.